

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O LiberalClass.: 26Data: 28/06/83

Pg.: _____

Expedição da Funai penetra na terra dos índios Parakanã

Uma equipe da Fundação Nacional do Índio (Funai), integrada por 14 homens - entre sertanistas, auxiliares, mateiros e atendentes de enfermagem - iniciou, no último dia 15, uma expedição às terras dos índios Parakanã, que habitam as margens do rio Bacajá e o lado Norte e o baixo existente entre os dois maciços da Serra dos Carajás. A expedição é comandada pelo sertanista Sidney Possuelo, assessor da Presidência da Funai, em Brasília, e tem por objetivo a proteção física e cultural dos Parakanã, ameaçados pelo avanço das frentes de expansão da sociedade em seu território.

A equipe da Funai partiu, rumo ao território Parakanã, do porto de Altamira, em frente a Base da Frente de Atração Arara. Em relatório escrito pelo sertanista Sidney Possuelo e enviado ao jornal O LIBERAL, ele explica que a expedição foi concebida em função dos vários ataques dos Parakanã, a outros grupos indígenas. Ela começou a ser organizada há cerca de três meses, por ocasião do ataque de um grupo Parakanã aos índios Araweté, do igarapé Ipixuna.

Da família Tupi, os Parakanã possuem a pele bem mais clara que os Caiapós e suas características marcantes são o hábito de raspar a cabeça e usar, como adorno, uma pequena pedra branca no lábio inferior. Mantendo acirrada animosidade com a maioria das tribos da região, eles atacaram, em setembro de 77, os índios Araweté e os Caiapós do rio Bacajá e, em 79, um grupo Xicrim. Em abril do ano passado, em novo ataque aos Araweté, os Parakanã, feriram três índios e, em janeiro deste ano, atacaram os Araweté, no Posto Indígena Ipixuna, ferindo gravemente um servidor da Funai.

A expedição Parakanã, que tem a participação de quatro indígenas desta tribo, chegou no dia 20 à confluência do igarapé Bom Jardim com o rio Xingu e de lá deverá seguir pelo Bom Jardim até onde for possível. Neste ponto, eles construirão um acampamento, que ficará guardado por três homens. Os demais seguirão por terra e se dividirão em dois grupos, quando pressentirem a possi-

bilidade de um encontro com os índios. Cinco homens ficarão na retaguarda, enquanto que os outros seis (quatro Parakanã, um intérprete e Sidney Possuelo) irão mais a frente. Segundo o chefe da expedição, estas precauções se tornam necessárias desde que se verifica que são justamente nas frentes de atração que a Funai tem perdido um grande número de servidores.

Alguma coisa do que se sabe hoje sobre os Parakanã, deve-se aos contactos efetuados com dois grupos, onde a Funai mantém posto indígena. Em 1970, Felipe Passarinho contactou o primeiro grupo e, seis anos depois, um segundo grupo foi contactado pelo sertanista João Carvalho. Diz Possuelo, em seu relatório, que a situação de ambos os grupos não é boa, uma vez que o território Parakanã está sendo invadido por fazendas e garimpos. A seu ver, a constância dos ataques destes índios, deve-se hoje mais a diminuição de seu território, o que os comprime contra seus inimigos naturais, do que a qualquer desejo de vingança ou espírito guerreiro.

Ao encerrar seu relatório, no dia 20, na confluência do Xingu com o igarapé Bom Jardim, Possuelo escreve: "Deste ponto, os barcos maiores retornam. Vamos continuar a remo até onde for possível. Daqui para frente, a cada dia que passa, vamos rompendo os vínculos com a civilização. Para trás vai ficando o mundo conhecido. A nossa frente os Parakanã, um punhado de homens que, embora muitos não acreditam, são parte integrante da trágica e extraordinária raça humana. Mais alguns dias estaremos pisando em seus domínios. O que nos aguarda? Como reagirão à nossa presença, após estes ataques? O amanhã, como sempre, é uma incógnita que vamos tecendo vagarosamente à medida que caminhamos ao encontro dos Parakanã, últimos representantes de um povo de valentes e fortes guerreiros".

Andreazza não quer falar

BRASÍLIA, (AE) — O ministro do Interior, Mário Andreazza,

recusou-se ontem a fazer qualquer comentário sobre a invasão da sede da Fundação Nacional do Índio — Funai, na quinta-feira, por um grupo de índios Xavantes, ao qual vieram juntar-se posteriormente seis parlamentares. Andreazza disse que somente vai pronunciar-se sobre o assunto depois de receber um relatório que está sendo preparado pelo presidente atual do órgão, coronel Paulo Moreira Leal. A mesma explicação foi dada por seus assessores para justificar o cancelamento da audiência que o ministro concederia ao deputado Mário Juruna (PDT-RJ), juntamente com outros parlamentares. Não obstante, durante todo o dia o Ministério permaneceu sob a vigilância permanente de um grupo de seis policiais militares, assessorados por um agente da Polícia Federal, todos munidos de "walkie talkies". Até o começo da noite de ontem eles ainda estavam lá, temendo a visita dos índios Xavantes.

SOB PRESSÃO

O presidente da Funai, Paulo Moreira Leal, afirmou ontem, depois de se ter reunido ontem com 45 líderes indígenas, que não decidirá sob pressão a respeito da reivindicação dos índios, que querem o afastamento de alguns de seus assessores, todos eles militares. Leal afirmou que os índios responsáveis pela invasão da sede da Funai na última quinta-feira "estão sendo instrumentalizados" por pessoas interessadas em dificultar o cumprimento da missão a ele confiada de dirigir a Funai. Os representantes de dez tribos indígenas presentes à reunião querem o afastamento de pelo menos quatro assessores: o coronel Anael Gonçalves; coronel Roberto Guarany; coronel Ivan Zanoni Hausen e coronel José Carlos Correia, mas o presidente da Funai disse que só afastará um funcionário seu quando perder a confiança. "Todos aqui — acentuou — continuam tendo a minha confiança até que se prove contrário". Leal frisou que "pressão não leva a nada", acrescentando que, se cessarem as hostilidades, ele poderá, então, decidir como atender às reivindicações apresentadas.